



SOCIEDADES

Filão angolano também na mira dos advogados

Com a economia angolana a contrariar a crise, a advocacia societária segue os passos dos empresários portugueses

JOÃO MALTEZ
 jmaltez@negocios.pt

Com a crise a apertar em todo o mundo, e mesmo assim, a economia angolana deverá crescer este ano próximo dos dois dígitos. Não se estranha por isso a aposta crescente dos empresários nacionais naquele país africano. Sinónimo desse interesse é o crescimento de 30% das exportações portuguesas para Angola. Só em 2008. Para onde vão os empresários vão também os advogados. Mas, sem possibilidade legal de se instalarem por mote próprio, a estratégia das sociedades nacionais está a passar por acordos e parcerias com escritórios locais.

“A legislação que rege a advocacia em Angola restringe o exercício da profissão aos nacionais angolanos inscritos na respectiva Ordem. Nessa medida, os escritórios estrangeiros, sejam portugueses ou de qualquer outra nacionalidade, não podem estabelecer-se em Angola e exercer de forma directa”, explica ao **Negócios** Rui Amendoeira, sócio executivo da Miranda, sociedade de advocacia que mais cedo se apercebeu das potencialidades que o mer-

cado angolano poderia proporcionar.

Só três firmas das maiores

Entre as firmas que entram no “ranking” das dez maiores, em número de advogados, além da Miranda, apenas a PLMJ e a Abreu decidiram apostar numa presença, ainda que indirecta, no país de José Eduardo dos Santos.

No entanto, para além destes escritórios de topo, sociedades de média dimensão, como a Raposo Bernardo ou a F. Castelo Branco, também não descuraram a hipótese de entrar em Angola – quer para apoiar empresas nacionais naquele país de expressão lusófona, quer para auxiliar na canalização de investimentos angolanos em Portugal.

Os interesses da advocacia nacional naquele país não se esgotam através das firmas referidas, já que pequenos escritórios especializados, como o de Henrique Abecassis ou de Teixeira de Freitas, também apostam no filão angolano.

Do petróleo à banca

A Miranda consegue a primazia sobre os restantes, já que, em termos

Sem possibilidade legal de se instalarem por “conta própria”, as parcerias são a solução para a entrada no mercado angolano

históricos, é a sociedade com mais anos de presença em Angola e aquela que desenvolve a sua assessoria jurídica nas áreas mais apetecíveis, como são os casos do petróleo, do gás ou dos diamantes.

Aquelas são áreas de assessoria onde a firma de Rui Amendoeira mais se impõe, partilhando com as restantes sociedades portuguesas que dispõem de interesses no mercado angolano os sectores da banca, dos serviços financeiros, da promoção imobiliária, da construção civil, da aviação ou das telecomunicações.



Rui Amendoeira | Sócio da Miranda, firma que mais cedo apostou em Angola.